

AMA(TA)R O PRÓXIMO: A RELIGIOSIDADE NOSSA DE CADA DIA

Amador Carlos dos Santos Neto
Rafael de Melo Costa
(UFG/RC – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão)

Resumo

Este trabalho busca compreender o atual crescimento das Igrejas Evangélicas no Brasil, bem como, o funcionamento psíquico presente na relação fiel-religião. O Método Psicanalítico por Ruptura de Campo é aqui utilizado como instrumento de investigação e transformação de uma afetação pessoal para uma questão de ordem analítica. Utilizando como interpretantes a biografia de Freud, com destaque para a influência que a religião teve na sua vida, e as produções freudianas, estando estas últimas organizadas em científicas e analíticas quando se trata desta temática, esta investigação problematiza, ou melhor, busca sentidos possíveis, para a atual configuração psíquica existente da religiosidade no país. Na qual, a agressividade parece assumir posto preponderante na manutenção e expansão do sistema religioso.

Palavras-chave: Psicanálise; Religião; Agressividade; Método Psicanalítico por Ruptura de Campo.

Abstract

Love/Kill the Next: Our Everyday Religiosity

This task seeks to understand the current growth of evangelical churches in Brazil and, this psychic functioning in true-religion relationship. The Psychoanalytic Method for Rupture Course is here used as a research tool and processing of personal affectation for an analytical order affair. Using as interpretants Freud's biography, highlighting the influence that religion had in your life, and Freudian productions; these last organized in scientific and analytical when it comes to this issue, this research discusses, or rather search possible way to the current existing psychic configuration of religion in the country. In which, aggression seems to take leading position in the maintenance and expansion of the religious system.

Keywords: Psychoanalysis; Religion; Aggressiveness; Psychoanalytic method for Rupture Course

Introdução

No decorrer da minha graduação, várias vezes, fui convocado a me posicionar frente à questão religiosa sobre

uma perspectiva psicológica. Essa convocação é produto do meio no qual eu fui criado. Vindo de uma família evangélica tradicional, várias vezes me vi confrontado entre pensamentos que contradizem a conduta de um cristão, pensamentos esses que na época eram simples, como o desejo de um adolescente em ir a festas ou praticar atividades como capoeira, as quais eram mal vistas pela religião evangélica. Com o decorrer do tempo essas questões passaram a ser mais conflituosas, como a não aceitação da imposição da doutrina evangélica, a qual dizia como os fiéis deveriam pensar, vestir e o destino que deveriam tomar em suas vidas.

Todavia, devido a uma resistência eu não me colocava disponível para a problematização da questão religiosa, o que mantinha e constantemente me convocava a ter um posicionamento. Logo em meu último ano de graduação, portanto, o ano da confecção do Trabalho de Conclusão de Curso, eu me vi outra vez convocado/convocando a falar sobre este assunto. Porém, neste momento penso que em uma postura mais elaborada. Se na minha adolescência eu estava contrariado por não querer seguir os dogmas da Igreja (afetação pessoal), neste momento sou tomado por uma indignação com a relação institucional desta, visto as falcatruas e

abuso de poder da Igreja sobre os fiéis, ou seja, a relação instituição–sujeito, ou ainda, religião-instituição-sujeito. Dessa forma, não poderia mais fugir da minha “criptonita-cristã”.

As tantas falcatruas das Igrejas Evangélicas no Brasil expostas na mídia e o grau de acesso à informação que as pessoas têm nos dias de hoje, faz com que eu me pergunte: por que os fiéis e simpatizantes da Igreja Cristã Evangélica não diminuem? Muito pelo contrário, percebe-se hoje um significativo aumento do número de fiéis e certa proliferação de ministérios, isto é, arranjos institucionais para a Igreja Evangélica. Noto que há uma massa religiosa de fiéis que mesmo diante de contestações consistentes sobre a instituição Igreja-religião ainda a segue, fazendo com que nenhum argumento se faça válido a desautorizá-la. O que sustentaria ou regeria este psiquismo em questão?

Alguns escândalos já se tornaram comuns, como o de enriquecimento por parte dos líderes dessas Igrejas, as quais têm como pilar principal o amor ao próximo e a prosperidade dos seus fiéis a todo custo. Esta última prerrogativa garante que estes fiéis doem mais e mais dinheiro para a Igreja sob a promessa de que eles irão, assim, receber em dobro. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus

que se intitula Bispo Edir Macedo é acusado de inúmeros crimes fiscais, como sonegação de impostos, contas no exterior sem a devida declaração e ainda extorsão.

Temos o exemplo do também Bispo Valdemiro Santiago que depois de desavenças saiu da Igreja Universal do Reino de Deus, mas aprendeu tudo “direitinho” com o seu mentor Edir Macedo, montou sua própria Igreja – Igreja Mundial da Graça de Deus, que chegou a fazer frente à Igreja de seu mentor. Hoje em dia, em decadência, depois de escândalos de compra de fazendas, aluguéis de jatos e hotéis caros com o dinheiro doado pelos frequentadores dessas Igrejas.

A partir do método psicanalítico, aqui tratado sobre a óptica da Teoria dos Campos, e a partir da teoria freudiana como interpretante que pretendo analisar algumas questões da relação homem-religião, tendo como recorte a religião evangélica no Brasil. Essa análise será feita com base em questões como: “por que a Igreja Evangélica brasileira ainda que tenha um cenário desfavorável socialmente ganha cada vez mais fiéis?”; “por que as pessoas, atuais fiéis, aderem tanto a essa forma de pensamento religioso, ou melhor, prática institucional religiosa?”; e ainda, “qual o sentido de propagação da prática de amor ao próximo na sociedade atual?”.

De antemão, os escritos freudianos sobre religião são conhecidos por problematizarem o final desta em decorrência do desenvolvimento da ciência. Freud (1921/1976) nos dizia que a religião se sucumbiria à supremacia da razão e desaparecia. Portanto, o que se segue é o percurso de uma investigação psicanalítica que tem como sua mola propulsora a problematização do que o Homem, sujeito inconsciente de si, faz ou é feito na relação que estabelece com a Religião, ou as práticas religiosas inseridas em sua criação. Para tal façanha a investigação segue dividida em três momentos, os quais se propõem pensar de maneira dialogada, são eles; a) A relação do Homem Freud, tomado como modelo de afetação e produção, com a Religião; b) Os discursos da Psicanálise sobre esta temática e por último, c) Os sentidos originários e possíveis da relação cristão, fiéis, com a Igreja, instituição religiosa. Antes, porém, se faz necessária uma breve explanação do método que acompanha e sustenta o investigador, próprio sujeito, desta pesquisa.

1. O Método Psicanalítico por Ruptura de Campo

O método usado para a confecção desta investigação é o método

psicanalítico, o qual, segundo Herrmann (1991), é uma interpretação que se processa por ruptura de campo. Romera (2002) destaca que a etimologia da palavra método é ‘um caminho para o fim’, e que este seria revelado diante de um problema/obstáculo. Esta mesma psicanalista, no usufruto deste estilo de investigar e criar saberes, afirma que neste caminho uma postura interrogante-interpretante se faz presente como uma ferramenta que constrói um pensamento, ligando o sujeito a sua realidade e favorecendo uma desalienação.

No texto de Freud *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise* (1912/1976), ele nos recomenda a simples escuta do texto do paciente, sem se preocupar com lembrar detalhadamente do conteúdo desse texto. Isto para que o inconsciente do analista esteja à disposição do trabalho a ser desenvolvido, ou seja, uma capacidade de suspensão da atenção do analista.

Segundo Romera (2002), essa suspensão seria então uma forma de atenção flutuante do analista em relação ao discurso do analisado. Deste modo se evita rotulações imediatas e um possível caimento no senso comum, ação problematizada no campo da sociologia por Maître Thiollent (1987) e denominada por Retardamento da Categorização.

Ainda com Romera (2002), ao lado da suspensão, o analista deve se atentar a uma suspeição do sentido vigente. Isso ocorre para que o analista não se atente somente com o sentido dado, mas busque dar espaço para que emerja outros possíveis sentidos do campo no qual se dá a investigação.

A partir do método interpretativo por ruptura de campo e da postura analítica de suspensão/suspeição, ou ainda, interrogante-interpretante, foi possível desenvolver esta investigação. Visto que este arsenal psicanalítico se dá pela própria desestruturação do sentido rotineiro e pela orientação de deixar que surja e tomar em consideração os sentidos provindos deste campo transferencial que se estabelece entre analista e obra/paciente (Herrmann, 1991)¹

2. O Homem Freud e sua relação com a Religião: influências e produções

Para falar sobre as influências e produções de Freud com relação ao tema Religião, tomo como base dois fatores determinantes: as experiências que

¹ A obra de Fabio Herrmann e de seus colaboradores ficam como sugestões de leitura para aqueles que quiserem mais informações sobre o modo como a Teoria dos Campos compreende e se apropria do método psicanalítico e o posto de invariante que este assume na Psicanálise. Em especial o livro *O que é Psicanálise para iniciantes ou não...* (1999) e *Introdução a Teoria dos Campos* (2001).

marcaram a vida de Freud e o contexto sócio histórico no qual ele estava inserido. Neste primeiro momento, tratarei sobre as experiências de Freud com a Religião e a aparição do tema religioso em sua obra. Posteriormente, será tratado o momento sócio-histórico na época em que Freud ingressa na faculdade. Esse momento dá origem a uma postura cientificista e depois a uma postura analítica no trato desta temática.

Começo a analisar a partir do próprio nome Sigismund Schlomo Freud que mais tarde se tornaria Sigmund Freud. Schlomo tem o significado de Salomão, um personagem bíblico que se destacou pela sua grandeza e sabedoria. Apesar de o nome ter raízes judaicas, seu pai Jacob Freud não se atentava a ser muito ortodoxo, preservando somente a comemoração da páscoa e a leitura da bíblia em hebraico. Em 1930[1929]/1976 Freud escreve sobre essa criação distante da religião e que seu pai não dava muita importância para isso “deixou-me crescer em completa ignorância quanto ao judaísmo” (Gay, 1989, p. 24).

Provavelmente, o primeiro contato de Freud com a religião foi intermediado por sua ama (cuidadora). Ela o levou a missa católica por volta de seus dois anos e meio. E desde este primeiro contato com a religião de sua ama, Freud idealizava um

Deus castigador, tirano e que o inferno era o lugar para onde pessoas más iriam (Maciel, 2007, p.21). Por esta mulher Freud desenvolveu fantasias edípicas - não especificada por seu biógrafo Peter Gay - tornando ela a “sua mestra nas relações sexuais” (Gay, 1989, p.24). Passado não muito tempo ela foi despedida e presa, somente na sua maturidade Freud descobre o motivo. Segundo sua mãe, ela foi acusada de furto o que seria um paradoxo ao tipo de vida que sua cuidadora viveu e a conduta ética nela imposta. Este paradoxo foi pensado, Droggett (2000) como algo que estruturaria a personalidade de Freud: “Na base de sua personalidade, percebeu a contradição entre a experiência religiosa, tal como a viveu aquela mulher, e a conduta ética que lhe era oposta” (2000, p. 64).

Quando foi para a faculdade um dos primeiros grandes influenciadores de Freud foi seu professor Samuel Hammerschlag. Para Gay (1989), esse professor de Freud seria como “amigo paternal, benfeitor”, que o incentivava em suas potencialidades e em questões sobre o conhecimento ortodoxo, algo que este professor não fazia com outros alunos. Acredito que esses estímulos para Freud foram de grande importância, pois em um momento no qual ele era discriminado na universidade por ser judeu e por mais que

se destacava por seu crescimento intelectual, o antissemitismo o colocava em uma posição étnica desprivilegiada (Maciel, 2007). Em relação a esta discriminação é de domínio público, visto sua presença no filme *Freud Além da Alma*², o episódio no qual Freud viu seu pai ter que ceder a calçada para que um cristão passasse primeiro. Então os estudos feitos com seu professor sobre a religião ou prática religiosa, foram de suma importância, visto que o povo judeu passava por um momento histórico de “descréditos” e preconceitos.

Outro grande influenciador de Freud na Universidade foi o professor, Franz Brentano, ex padre, filósofo alemão que assumiu sua crença em Deus no meio acadêmico e em suas aulas buscava despertar em seus alunos novas reflexões a cerca da Ciência e da Religião. Freud era extremamente convencido por Brentano em seus discursos, chegando a frequentar a casa de seu professor onde havia debates sobre religião.

Percebo que esse seria o momento onde Freud mais se aproxima, em toda sua vida, de algum teísmo³. Porém, consegue refutar as proposições de seu professor e amigo Brentano e volta a se aproximar do pensamento científico, assumindo o seu

ateísmo e desenvolvendo-o em um terreno bastante fértil a seu favor que era a Universidade. Segundo Maciel (2007, p.23) “A aversão que o jovem estudante tinha a religião, já proveniente do ambiente familiar, encontrou na Universidade, o espaço ideal para fincar raízes mais sólidas”.

Esse ambiente acadêmico permitiu que Freud se apropriasse de uma postura ateísta, o que era de grande valia científica, pois ocupando essa posição nos seus estudos sobre a religião ele adquiriu certa neutralidade para tratar o assunto e assim não era contaminado por uma postura de fé. Esta postura de fé, aqui pontuada como de uma cegueira ou crença absoluta em algo, é a postura que perco nos atuais fiéis evangélicos, ou dos sujeitos crentes em uma religião, que problematizaremos melhor no decorrer do texto.

Esta mesma neutralidade científica, buscada por Freud, poderia prejudicá-lo, pois existia um distanciamento entre ele e os fenômenos religiosos. Esta distância diminuiria sua pesquisa, pois como falar de um fenômeno religioso sem ter tido contato com aquilo? Porém, esse distanciamento não parece ter prejudicado Freud a ponto que ele não conseguisse falar sobre suas ideias em relação a religião. No entanto, fez com que falasse

² Freud além da alma (1963/EUA) Dir. John Huston.

³ O teísmo é um conceito religioso- filosófico desenvolvido para a elucidação do Criador.

da temática nunca assumindo uma posição de fiel, mas sim de cientista.

Retomando a experiência de Freud com a religião, no seu trigésimo quinto aniversário, ele recebe um grande presente de valor afetivo de seu pai. Este presente seria a Bíblia Philippon. Essa era a bíblia da família na qual o pai de Freud embasou seus poucos ensinamentos religiosos para seus filhos. Carregado de uma dedicatória afetiva as palavras, se interpretadas por alguns estudiosos, nos revela o desejo de Jacob em passar para o filho o livro dos verdadeiros ensinamentos, ao seu “*querido schlomo*” (ele inicia a *dedicatória* assim), para que este livro ajudasse Freud a encontrar o caminho do conhecimento, que na escrita da dedicatória feita por seu pai estava nas “*escrituras do senhor*”.

Percebe-se assim o desejo de Jacob que seu filho Freud tome a bíblia como manual de conduta para a sabedoria. Na dedicatória, traduzida por Theo Pfrimmer (1994), evidencia-se isso com a passagem da bíblia “vai, ler no meu livro que escrevi e se abrirão para ti as fontes do entendimento, do saber (conhecimento) e da compreensão” (Pfrimmer, 1994, p. 19).

Porém, Freud seguiu sua busca sobre o conhecimento por outras vias que não a religiosa. Mas esta se faz presente inúmeras vezes em sua obra, mesmo quando não teorizava sobre a própria

religião em si, essa se manifestava em exemplos e anedotas.

Em sua trajetória clínica Freud se deparou muitas vezes a casos ligados a religião. Interpretando o seu próprio sonho, ele disse da relação dos personagens que tinham bico de pássaro com ilustrações da Bíblia Philippon, “As figuras estranhamente vestidas e insolitamente altas, com bicos de pássaro, provinham das ilustrações da Bíblia Philippon” (Freud, 1900/1976, p.621). Segundo Théo Pfrimmer (1994, p. 36), existe “cerca de quatrocentas referencias a Bíblia na obra de Freud”.

Apresentarei alguns exemplos dessas referências a seguir como forma de problematizar a relação de Freud com a Religião, bem como elucidar de alguma forma como esta temática aparece na obra freudiana, seja nos textos em que a ela seria o assunto a ser tratado, seja em textos que o assunto seria outro.

No texto *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1905[1904]/1976), há uma citação referente ao Evangelho:

Parece muito mais difícil de criar uma conversão nova do que formar trajetos de associação entre o pensamento novo que necessita de descarga e o antigo que dela não mais precisa. A corrente flui ao longo desses trajetos, da fonte nova de

excitação para o antigo ponto de descarga – jorrando no sintoma, como vinho novo numa garrafa antiga, nas palavras do Evangelho. (Freud, 1905[1904]/1976, p.51).

No estudo sobre chistes e como eles se relacionam com o inconsciente, há a citação dos dogmas religiosos também, “outros casos de chistes, igualmente cínicos, e que incluem mais que anedotas de judeus, atacam igualmente dogmas religiosos e mesmo a crença em Deus” (Freud, 1905/1976, p.135).

Na *Interpretação dos Sonhos* (1900/1976), há a referência ao livro de Gênesis: José do Egito. Em uma nota de rodapé, Freud diz:

Terá sido notado que o nome de Josef desempenhava relevante papel em meus sonhos (o sonho sobre meu tio). Meu próprio ego acha muito fácil esconder-se por trás de pessoas de nome, uma vez que José foi o nome de um homem famoso na Bíblia como intérprete de sonhos. (Freud, 1900/1976, p.517).

Por esse percurso Freud fez muito sobre a psicologia da religião, cabe aos que o sucedem promover essa discussão dialética entre Psicanálise e Religião (Maciel, 2007). Tomamos nossa a fala de

Freud em seu *Estudo Autobiográfico* (1925[1924]/1976, p.87): “Posso, contudo, expressar a esperança de que abri um caminho para importante progresso em nossos conhecimentos”. Promoverei essa discussão entre Psicanálise e Religião no decorrer deste trabalho.

2.1 *Freud e o Cientificismo de sua Época.*

Para percorrer o período da vida de Freud em que ele entra em contato com o cientificismo, precisamos nos atentar ao grande movimento que revolucionou a Europa no século XVIII, em especial na França e na Alemanha, e que teve em Kant o seu principal contribuidor teórico, o Iluminismo. Este movimento enuncia a supremacia da razão e sua superioridade diante de outras formas de pensamento.

A religião foi um dos assuntos tratado pelo movimento iluminista que tinha como objetivo a substituição do pensamento teocêntrico para o pensamento antropocêntrico, este último que está subordinado à razão científica. Logo a religião não era mais proprietária do mesmo poder que tinha antes desse movimento “é lançada ante a inquisição cientificista, quase sem o direito a defesa própria” (Maciel, 2007, p. 38).

Foi sob a regência desse movimento cientificista que Freud chega a

Universidade de Viena em 1873 e apesar de um contra movimento a respeito das ideias iluministas defendida por alguns mestres, “imperavam os princípios cientificistas” (Maciel, 2007, p. 39).

Segundo Maciel (2007), os maiores pensadores em que Freud se inspirou foram: Spinoza, Voltaire, Diderot, Darwin, Feuerbach, tendo em comum o fato de todos esses teóricos já terem se dedicado ao assunto religião - Com destaque para Darwin cuja teoria “A evolução das espécies” colocou em cheque a doutrina religiosa e a teoria criacionista (Maciel, 2007, p. 39).

A influência de Darwin na obra freudiana pode ser constatado “no seu livro Totem e Tabu, onde utiliza o mito da horda primitiva, inspirado cientificamente por Darwin” (Maciel, 2007, p. 40) – relação esta que voltaremos a tratar mais adiante. A respeito de Feuerbach, Freud escreveu ao seu amigo Silberstein em 1875, “entre todos os filósofos este é o homem que mais venero e admiro” (Gay, 1989, p. 43). A ideia de Feuerbach era a de que a religião seria apenas uma ilusão, sendo o homem o criador de Deus e não Deus o criador do homem. Então a consciência que o homem tem de si mesmo é a consciência que tem Deus (Maciel, 2007, p. 40), “o conjunto de relações do homem consigo mesmo, ou,

melhor, com o próprio ser, considerado um outro ser” (Nicola, 2005, p. 367).

O momento em que Freud se dedica para a construção da teoria psicanalítica, segundo Maciel (2007) coaduna com “o movimento humano de libertação das amarras religiosas” (p. 40), sob uma forte influência do Iluminismo para com este movimento. Nesse período histórico é atribuída a religião um pensamento repressor, aprisionador e castrador (Maciel, 2007, p. 40).

Ainda de acordo com Maciel (2007), os ideais iluministas fizeram parte da formação do Freud cientista, e foram o arcabouço teórico consistente para provocar suas pesquisas. Essa influência cientificista pode ser observada em dois de seus escritos: *O futuro de uma ilusão* (1927/1976) e nas *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933[1932]/1976), nessas obras ele se posiciona contra ideais religiosos e a favor da ciência.

“Freud foi um filho do iluminismo por ter absorvido muito dos seus ideais, especialmente a crítica à religião, não resta dúvida” (Maciel, 2007, p. 41), isso nos dá margem para pensarmos que podemos considerar Freud “como um verdadeiro *Aufklärer*” (Rocha, 1994, p. 466), este termo alemão *Aufklärer* é usado para denominar os iluministas. Ao mesmo

tempo em que foi um filho desse movimento, também foi um grande crítico, ao atribuir que a razão não comanda toda a vida psíquica, delegando essa “função” a forças que não são controladas pela consciência. Colocando-se, assim como Darwin, em cheque a norma regente.

Freud começa a tecer suas ideias sobre a Religião sob as influências do Iluminismo. A partir dele formula ideias sobre vários assuntos, porém depois de alguns anos desenvolveu sua teoria analítica que embasado por uma postura teórica (analítica), critica o movimento Iluminista, desbancando a razão como forma de pensamento. Criando um paradoxo no qual o movimento Iluminista que tanto o influenciou, agora será desbancado por sua própria obra Psicanalítica, colocando a supremacia da razão em cheque. Fazendo novas descobertas sobre o modo de pensamento do homem, como por exemplo, a de que ele não é regido somente pela razão, mas também por algo inconsciente.

3. Os Discursos Freudianos

3.1. O Discurso Cientificista de Freud.

Teóricos divergem ao falar da relação de Freud com a Ciência de sua época. Alguns são radicais e defendem a

ideia de que Freud se apropriou do cientificismo em toda sua obra (Gay, 1999, p. 45). E outros acreditam na influência do cientificismo na sua obra, mas estabelece uma ruptura com o iluminismo ao longo da construção da doutrina analítica (Rocha, 1994, p. 458).

Acredito que a influência científico-positivista teve grande importância sobre Freud, se fazendo notória quanto à interpretação do fenômeno religioso. Todavia, Freud não se restringe somente a essa influência, se apropriando também de uma posição epistemológica. Essa epistemologia pode ser pensada pelo paradoxo do psicanalista Frances Paul Laurent Assoun (1981) que seria “sabotar a linguagem da ciência ao mesmo tempo em que se vale dela”.

Os pensadores cientificistas repugnavam o saber fundamentado no contexto místico-religioso, tendo a convicção que a religião havia existido somente até quando a ciência pura não tinha nascido (Maciel, 2007, p. 46). Esse pensamento gerou uma alta intitulação de ateísmo por parte dos cientificistas e uma adesão ao pensamento do “deus logo”.

Freud herda do cientificismo ontológico a postura determinante, essa postura pode ser observada na forma que ele compreende a religião, uma forma ilusória (Maciel, 2007, p. 48), essa forma

permanece durante todo trabalho de sua vida. Darwin chama a atenção para a complexidade e ambivalência da posição epistemológica de Freud. Isso fica evidenciada quando o próprio Freud fala da incapacidade da psicanálise de uma construção própria da sua *Weltanschauung* que seria uma “visão de mundo”, então ele se apropria da *Weltanschauung* científica (Maciel, 2007, p. 48).

Pela influência positivista, Freud mostra sua sede de conhecimento aproveitando da fonte de ideais iluministas para tal formação e tentando fazer da metapsicologia uma ciência que se enquadra nas ciências positivistas de sua época. Contudo, não foram somente ideias iluministas as influências de Freud, apropriaram-se também de outras *Weltanschauung* como arte e filosofia que junto com o cientificismo, resulta na criação de sua própria fonte com os avanços das pesquisas do inconsciente. Esse discurso típico cientificista pode ser observado em duas obras de Freud: *O futuro de uma Ilusão* (1927/1976) e a *XXXV Novas conferências introdutórias* (1933[1932]/1976).

O Futuro de uma Ilusão (1927/1976) é um dos trabalhos mais pertinentes de Freud no que tange a temática religiosa e sua relação com a ciência positivista, a começar pela

hesitação dele de publicar esse texto, primeiramente sobre a preocupação da reação da Igreja quanto ao assunto tratado em seu livro, que poderia custar caro à psicanálise. E em segundo lugar a reação de seu amigo e adversário intelectual Oskar Pfister que era também um pastor.

Alertando Pfister de que sua obra seria publicada em breve, ele ressalta que seu amigo muito contribuiu para a escrita desse texto, o que causava certo receio em Freud quanto à publicação, pelo seu posicionamento contrário a religião. Pfister se mostra solidário a posição contrária de Freud a respeito da religião e dá a entender que seu livro *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1976) seria de grande valor para a discussão da religião. Nele Freud escreve que a religião se desfaria com o avanço da ciência.

Em resposta a obra de Freud, Pfister publica em 1928 o livro *A ilusão de um futuro* possui um posicionamento de que a religião não se findaria com a ascensão da ciência e que ainda a religião poderia contribuir com outras questões humanas, inclusive a ciência.

Retomando a discussão do seu livro, Freud já alertava para as armadilhas de tentar prever o futuro de uma civilização, pois imaginar esse futuro esbarraria na própria incapacidade subjetiva do autor, “as expectativas

subjetivas do indivíduo desempenham um papel difícil de avaliar, mostrando ser dependentes de sua própria experiência” (Freud, 1927/1976, p. 15). Pensamos então que a obra de Freud não é imutável, muito pelo contrário, da margem para reformulação, com “contribuições ao estudo da religião, que podem, a seu tempo, serem revisitadas, na tentativa de possíveis avanços” (Maciel, 2007, p. 51).

Embora sua obra ganhasse elogios, Freud tecia duras críticas a respeito dela, chamando-a de “pueril” e declarando: “É meu pior livro”. Não conseguimos saber se neste momento a necessidade de confecção desse livro é para o enriquecimento do corpo teórico psicanalítico ou se essa obra é escrita por uma necessidade do próprio Freud (Maciel, 2007, p. 51). O livro é dividido em dez capítulos que articula psicanálise e cultura, mas o fato mais interessante é que na escrita do texto se faz presente um debatedor imaginário com quem o autor dialoga o tempo todo, além claro do seu discurso cientificista que denuncia a relação de Freud com o cientificismo de sua época (Maciel, 2007, p. 52).

O saber científico se sustentava na razão como algo soberano, o que nos atenta para a ideia de que Freud acreditava que a religião não resistiria à ciência, pois esta não cumpriria as exigências do

cientificismo não existindo como verdade empírica (Maciel, 2007, p. 53). Freud então tomava a posição cientificista para a elucidação do assunto religião nesta sua obra, que apesar de trazer declarações contundentes em oposição à religião e favorável à ciência, foi desaprovada pelo próprio autor.

3.2. *O Discurso Analítico de Freud.*

Como visto, durante a construção da teoria psicanalítica, por vezes a temática religião se fez presente. Abordarei aqui alguns escritos freudianos nos quais, diferente dos já citados no tópico anterior, Freud trata a temática a partir, ou com uma postura analítica, e não cientificista/positivista.

Maciel (2007) nos lembra que “a metapsicologia freudiana vê o homem como um ser constituído, apenas, de corpo e aparelho psíquico” (Maciel, 2007, p. 61). Suas ideias não se ocupavam de uma perspectiva transcendente, logo a dimensão espiritual da religião não é considerada em Freud. Como dito por Rocha (1994, p.450): “Na antropologia freudiana, não há lugar para uma relação de transcendência, que coloque em destaque a categoria do espírito como constitutiva do ser humano” (p. 56).

No artigo *Tratamento Psíquico* (1905), Freud diz que há uma preparação do aparelho psíquico que seria favorável para que milagres chegassem ao êxito. Essa preparação seria um lugar devido para o culto (a própria Igreja) e a crença incondicional do ser divino e no seu poder de cura. Esses fatores favoreceriam a prática de que milagres são realmente possíveis:

Não há, contudo necessidade de trazer à tona qualquer outra coisa que não forças mentais para explicar as curas milagrosas. [...] Na verdade, o poder da fé religiosa é forçado nestes casos por diversas forças motivadoras eminentemente humanas. A crença religiosa do indivíduo é intensificada pelo entusiasmo da multidão em meio à qual, via de regra, ele percorre o caminho até a localidade sagrada. Todos os impulsos mentais de um indivíduo podem ser enormemente magnificados por uma influência grupal como esta. [...] Quando tantas forças poderosas convergem, não precisamos surpreender-nos se o objetivo for algumas vezes alcançado. (Freud, 1905/1976, p. 304).

Neste trecho, Freud nos dá uma explicação mínima de como pode ser o

funcionamento psíquico para o alcance dos chamados milagres, que é uma das práticas mais comuns nas Igrejas Evangélicas – Cristã. Estes fenômenos ainda decorrem de forças mentais, que em condições ideais, como o templo sagrado (Igreja) e pessoas que compartilhando dessas mesmas crenças em um Deus podem acontecer do objetivo de cura ser uma ou outra vez alcançado com êxito.

Todavia a obtenção desse sucesso não abarca a suspeita que tenho sobre essas práticas milagrosas de cura, concordando com Freud que a maioria desses milagres seja de uma gênese neurótica do próprio indivíduo curado ou uma armação bem feita com líderes e subordinados para a arrecadação seja de dinheiro ou de mais fieis para a Igreja.

Segundo Maciel (2007) a iniciação do trabalho de Freud com relação ao tema religiosidade começa com a publicação do texto *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/1976). Nesse texto Freud trata sobre os cerimoniais religiosos e sua relação com a neurose obsessiva. Logo com relação ao neurótico obsessivo, leva-se em conta uma falha na estrutura do recalque que leva a um sentimento de angústia e para se livrar desse afeto, o obsessivo pratica seus rituais.

Ainda articulando com a leitura que Maciel (2007) realizou da obra freudiana

em questão, este autor destaca que no religioso também se pode observar essa falha no recalque, acarretando então um desejo de realização e esse desejo pode ser visto pelo religioso como a tentação. Sendo assim, Freud (1907/1976) analisa que para não se render a esse desejo, o religioso se lança à práticas de cerimoniais para aliviar as pulsões, logo os cerimoniais passam a ser uma medida de proteção. Ele afirma: “Assim, os atos e cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como proteção contra o mal esperado” (Freud, 1907/1976, p. 115).

O ritual religioso seria uma forma de impedir o desejo pulsional de se realizar. A neurose obsessiva seria uma religião individual e, como afirma Maciel (2007), “a religião seria então uma neurose obsessiva universal” (p.61). A diferença é que uma delas acontece no âmbito individual e a outra no âmbito coletivo, e a semelhança seriam segundo Freud “nos escrúpulos de consciência que a negligencia dos mesmos acarreta” (Freud, 1907/1976, p.36).

Já no livro *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/1976) há uma busca de proteção contra o sofrimento psíquico. Por esse motivo, o indivíduo religioso pode se encontrar em um estado de infantilismo psicológico, que ainda pode resultar em delírio de massa, evitando que muitas pessoas tenham uma neurose

individual (Freud, 1930[1929]/1976, p. 104).

Freud escreve sobre a origem do sentimento religioso em seu livro *Totem e Tabu* (1913[1912]/1976). Este trata de duas grandes questões: o primeiro é a proibição do incesto como propiciador da organização das civilizações, o segundo é tentar elucidar a raiz do fenômeno religioso, com atenção maior as religiões monoteístas. Os assuntos de maior interesse seriam o significado do tabu, sugerindo que seria algo do sagrado e o mito do pai da horda primeva que ajuda a compreender a origem da religião. Tomaremos esta obra para a elucidação da origem da religião e problematização de algumas questões que serão tratadas no decorrer do texto.

Freud usa como modelo ilustrativo, as tribos aborígenes da Austrália sobre uma forte influência cientificista do darwinismo. Inspirado nisso, ele cria o Mito da Morte do Pai Primitivo. Nele há um macho tirano que reinava soberano a sua horda e era deste macho todas as fêmeas da horda. Com o objetivo de proteger sua horda, esse macho tirano e soberano expulsa os filhos homens dela, para que ele o Pai possa desfrutar sozinho do amor das mulheres da horda. Esses filhos que um dia foram expulsos da horda pelo pai tirano/violento, voltam e

assassinam este pai, o devorando logo em seguida sobre um afeto de euforia e identificação

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai... O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de suas força [...] Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo... (Freud, 1913/[1912]/1976, p. 170-171).

Posteriormente, o sentimento de culpa por ter assassinado o pai é tomado por toda a horda, pois existia uma ambivalência em relação a este, o qual era tirano e protetor. Ao mesmo tempo em que a horda odiava o pai violento, também o venerava pela a proteção que ele a dava. Para amenizar o remorso de ter

matado/perdido o pai, cria-se rituais para lembrar a proteção e o cuidado que era dado pelo *pai* assassinado. Para isso em nome dele sacrificavam um animal e deste animal se serviam em um banquete de caráter festivo. A partir daí o *Pai* assassinado torna-se o totem da horda, que oferece proteção e cuidado, substituindo um totem representado por um animal e se faz mais presente morto do que quando era vivo. Originando, assim, a religião totêmica.

O que motivaria as relações psíquicas da religião seria a reparação do sentimento de culpa que se originou do assassinato do pai primitivo. Essa culpa seria o fundamento do acontecimento religioso, nas palavras de Freud:

A religião totêmica surgiu do sentimento filial de culpa, num esforço pra mitigar esse sentimento e apaziguar o pai por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema. Variam de acordo com o estágio de civilização em que surgirão e com os métodos que adotam (1913/[1912]/1976, p. 173).

Freud reporta essa ideia de religião totêmica para a criação da religião monoteísta, onde se tem o Pai – Deus - e os

Filhos – Fiéis. A religião Cristã possuiu uma particularidade de ser uma religião fundada na morte do filho que é Cristo e não do Pai – Deus, pois Cristo ao ser crucificado e morto, toma o lugar do Pai que observamos na horda primeva de Freud. Sendo assim, a religião de maior adepto no Brasil é a religião do filho – Cristo. Segundo Maciel (2007) “A morte sacrificial de Cristo seria uma reparação em virtude do mal praticado diante do Deus- Pai. Nesta religião, o assassinato é cometido sobre a figura do pai e não do filho. Por isso, o Cristianismo deixa de ser a religião do Pai para ser a religião do Filho” (Maciel, 2007, p. 68).

4. A Religião de cada dia: entre a instituição e o próximo

Como pensar a relação entre fiel e Deus na religião Cristã já que esta é a religião do filho? Então vamos à Igreja e as relações que lá são desenvolvidas. Para tal problematização, continuaremos com a companhia de Freud, o qual no texto *Psicologia das Massas e análise do eu* (1921/1976) se debruçou sobre esta instituição a definindo como um grupo artificial.

Freud (1921/1976) afirma que grupos artificiais necessitam de uma força externa para impedir que se desfaçam,

evitando assim, alterações nas suas estruturas. Logo a pessoa que inserida nesse tipo de grupo não é consultada ou não tem sua escolha de inserção. Neste grupo (Igreja), há uma ilusão de que existe um líder, que neste caso seria Cristo, no qual o fiel estabeleceria laços libidinais, “Cada indivíduo está ligado por laços libidinais por um lado ao líder (Cristo, o comandante chefe) e por outro aos demais membros do grupo”/1976 (Freud, 1921/1976, p. 65).

Segundo Freud (1921/1976), a partir desses laços libidinais os fiéis se relacionariam com outros fiéis, assim como foi feito com Cristo que amaria todos os indivíduos do grupo com um amor igual, assim como Cristo, também amaria desta mesma forma cada indivíduo fiel. Logo se tornam irmãos e formariam uma família, esses são irmãos através do amor igualitário que Cristo tem por eles. Essa é a prerrogativa para a existência desse grupo, pois se não houvesse essa ilusão de amor igual a todos os membros do grupo, eles (o grupo) seriam dissolvidos pelas forças externas.

No mesmo texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1976), Freud é convocado pelo Bispo de Londres à leitura do livro *When It Was Dark*. Este romance trás o enredo de como “uma conspiração de inimigos da pessoa de

Cristo e da fé cristã teve êxito em conseguir que um sepulcro fosse descoberto em Jerusalém” (s/p) No sepulcro citado pelo livro havia uma inscrição em que indicava que no terceiro dia de sepultamento de Jesus, movido por um “sentimento de piedade”, um homem de nome José de Arimatéia teria removido o corpo de Cristo da sepultura e enterra no local encontrado descrito no livro. O resultado disso foi dito por Freud:

A ressurreição de Cristo e sua natureza divina são dessa maneira refutadas e o resultado da descoberta arqueológica é uma convulsão na civilização europeia e um extraordinário aumento em todos os crimes e atos de violência, os quais só cessam quando a conspiração dos falsificadores é revelada (Freud, 1921/1976, p. 34).

A partir desse evento somos convidados a pensar como seria a organização da sociedade sem a Igreja. Pois quando contestada verificou-se um aumento da violência que somente foi afagada com a revelação de fraude nessa história. Logo a Igreja seria um grande controlador social, pois sem ela a violência emergiria, dando suporte para o não desenvolvimento da violência, do mal estar?

A violência para a qual nos atentamos no livro recomendado pelo bispo de Londres, é uma violência do fiel para o mundo externo. Todavia, nos dias de hoje podemos observar a violência no próprio modo estrutural e de funcionamento da Igreja, seja entre fiel e pastor, seja entre fiel e fiel.

É rotina ouvir e presenciar discursos de algum líder religioso onde o conteúdo é xenofóbico, homofóbico, misógino. Observamos a ideia desses líderes sobre criminalizar a homossexualidade, a tratando como doença e exigindo que homossexuais se submetam a tratamentos em busca de uma suposta “cura”. Há o discurso também da mulher submissa, onde seus direitos de escolha de parceiro, estilo de vida, são moldados perante os dogmas eclesiásticos.

A violência não acontece somente dentro das fronteiras da Igreja, ela se estende para o mundo e podemos perceber a crueldade de seus membros com não-cristãos em diversos momentos, como por exemplo, há meses atrás na cidade de Anápolis-GO, foi noticiado um crime bárbaro onde um jovem de 17 anos foi encontrado morto, supostamente enforcado em um matagal, na sua boca um bilhete que dizia que aquele tipo de gente não era obra de Deus e precisava ser eliminada. O tipo de gente ao qual o bilhete se referia

era aos homossexuais. Este jovem foi assassinado pelo mesmo indivíduo que momentos antes teve relação sexual com ele. Ou seja, a violência também parte de dentro da religião para o mundo externo.

Essa violência dentro da Igreja não ocupa somente do corpo que o líder religioso o toma em nome de Cristo, não respeitando os limites e vontades do indivíduo. Ela se ocupa do psiquismo, ou em nível psíquico, do indivíduo, como por exemplo: os sermões radicais que são ministrados nos atos litúrgicos onde o indivíduo não representa nada, a não ser um dejetivo que necessita do Pai-Cristo para que se torne sujeito. Estes sermões humilham o sujeito de forma que ele não se encontra mais em estado mínimo para se defender desses discursos.

Sobre essas informações sou convocado a pensar se de alguma forma a religião esta escancarando ou mesmo tomando o posto/funcionamento da horda primeva descrita por Freud em *Totem e Tabu* (1913[1912]/1976). Pois, há um pai poderoso – Deus, mas que aqui é representada pela figura do pastor que é equivalente ao pai da horda primeva e há os filhos expulsos, equivalente ao fiel. A diferença é que aqui o fiel não mata o pai como acontece no mito. O fiel venera e se faz necessário do pai sem precisar matá-lo.

Como há uma violência interna no mito, aqui haverá uma violência dentro da própria Igreja. Seja do pastor para com o fiel, seja do fiel com outro fiel. As Igrejas estão se organizando em hordas, onde um pastor ensina um fiel, este muitas das vezes se rebela quanto a religião que faz parte como podemos observar no caso do Apostolo Valdemiro Santiago que se rebela contra o líder da Igreja Universal do Reino de Deus (Bispo Edir Macedo), sai desta Igreja e funda a sua própria, Igreja Internacional da Graça de Deus. Essa forma com que a religião – cristã, no caso a evangélica, se arranjam impede que a violência emerja, mas traz essa violência impedida de emergir para dentro de sua estrutura eclesial. Essa violência dentro da religião resulta na criação de fanáticos religiosos que dará manutenção a essa forma de funcionamento que por ser muito bem elaborada e de grande aceitação por parte da sociedade tende muito a crescer e ganhar poder.

Considerações Finais

Como próprio sujeito investigador deste trabalho, tentei me manter em uma posição de suspensão e suspeição para que a questão que era de afetação pessoal tornasse uma questão de investigação analítica. Com algum esforço isso foi

possível, mas sem escapar algumas vezes de um engajamento desfavorável a religião.

No decorrer da investigação desse trabalho me deparei com momentos de desânimo e desamparo, pois não conseguia elucidar as questões que me fizeram escolher esse tema, e qualquer explicação para minha pergunta inicial, não conseguia ser satisfatória. Então, mergulhando mais a fundo nas obras de Freud fica claro que a explicação para um sujeito se submeter à religião não é somente um retorno ao infantilismo e a busca por um pai protetor.

O trabalho que começou sobre a pergunta de o porquê do crescimento da

religião evangélica no Brasil, sendo hoje de fácil acesso a informação que criminaliza com provas concretas essa prática, se volta agora no final do trabalho para outro assunto. Este seria a aposta de que a Igreja serviria para o fiel como lugar seguro no qual ele possa vivenciar de modo, por vezes, politicamente seguro, sua agressividade, o seu mal-estar. Descoberta, que pelas vias da arte também chega André Dahmer no seu *cartun* de 11 de novembro de 2014, publicado na Folha Online:



A partir desse raciocínio estamos diante de um paradoxo. A Igreja que seria um lugar de amor ao próximo, paz e comunhão entre seus integrantes, passa a ser um lugar onde o homem possa demonstrar sua agressividade sem que esse afeto lhe custe caro, como por exemplo, atacar outro grupo com palavras ou até mesmo com agressão física.

Relacionando este pensamento com a questão inicial que moveu essa investigação, o crescimento da Igreja poderia se dar então por ela oferecer um lugar em que o homem possa se mostrar de fato como é expressando o mal estar oriunda de sua renúncia rumo à civilização, e retornando, de certa forma, para uma ordem primitiva. Tudo isso de modo que essa humanidade não implique em uma

responsabilidade individual sobre isso, pois essa demonstração fica restrita e justificada no campo religioso.

Por fim, a aposta na razão, como Freud anunciou, ou nas denúncias comprovadas, como eu afirmei, não se mostraram como argumentos plausíveis ou saberes que diminuíssem a abrangência da religião entre os homens. Visto que

convocam os fiéis a se posicionarem a partir de uma perspectiva consciente de suas vivências, a qual, pela investigação que aqui finalizo, não corresponde com a lógica afetiva e psíquica desta relação. Sem mais para o momento, findo com o paradoxo possível das relações entre os homens, qual seja: amar ou ama(t)ar seu próximo.

Referências

Assoun, P. L. (1981). *Introdução a Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.

Dahamer, A. (2014). *Palestras sobre novos tempos*. Brasil: Folha Online.

Droguett, J. G. (2000). *Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Freud, S. *Interpretação dos Sonhos* (1900). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1905[1904]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Tratamento Psíquico (ou Mental)* (1905) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Totem e tabu*. (1913 [1912]) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XIII Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Um estudo autobiográfico* (1925[1924]) In; Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *O Futuro de uma Ilusão* (1927) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *O mal-estar na civilização*. (1930[1929]) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Novas conferencias introdutórias sobre a psicanálise: Conferencia XXXV*. (1933 [1932]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Herrmann, F. (1991). *O Método Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense.

Herrmann, F. (1999). *O que é Psicanálise... para iniciantes ou não*. São Paulo: Editora Psiche.

Herrmann, F. (2001). *Introdução da teoria dos campos*. São Paulo, Editora Casa do Psicólogo.

Huston, J. (Diretor) (1963), *Freud Além da Alma*. (Filme). Estados Unidos da América: Universal International Pictures.

Maciel, K. D. S. L. (2007). *O percurso de Freud no estudo da Religião: Contexto histórico e epistemológico, Discurso e Novas Possibilidades*. Recife.

Nicola, U. (2005). *Antologia ilustrada de filosofia: das origens a idade moderno*. São Paulo: Globo.

Pfister, O. (1928). *A ilusão de um futuro*. In: Wondracek, K. *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Pfimmer, T. (1994). *Freud, leitor da bíblia*. Rio de Janeiro: Imago.

Rocha, Z. J. B. (1994). *A questão da diferença e do sujeito no horizonte filosófico da criticada racionalidade moderna*. Síntese Nova Fase, Volume 01, n. 67. Belo Horizonte: Edições Loyola.

Romera, M. L. C. (2002). *Postura Interrogante – Interpretante: por quem os sinos dobram*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Thiollent, M. (1987). *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Polis.

Os autores:

Amador Carlos dos Santos Neto é Psicólogo pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Endereço para correspondência: Rua 101, lote 37, Unidade 101, Parque Atheneu. Goiânia – GO. CEP: 74893-530. Fone: (62) 81715718. E-mail: amadorcsneto@hotmail.com

Rafael de Melo Costa é psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia e professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Endereço para correspondência: Av. Floriano Peixoto, 386 – sala 306. Ed. Avelina Moreira. Centro. Uberlândia – MG. CEP: 38400-100. Fone: (34) 9147-2887. E-mail: costa.rafaelmelo@gmail.com